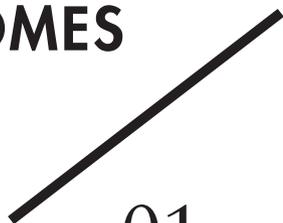


OBRAS
DE
**MANUEL
JOÃO
GOMES**



01



*Almanaque
dos espelhos*

*Os segredos
da Jacinta*

*Brinquedo
electrónico
essencial*



*Os segredos
da Jacinta*

Garrafa n.º 0



Rótulo A

Assassinada, ó céus! Eis um drama imprevisto

Mas quem é que a matou?

... O noivo, o Anti-Cristo.

(Gomes Leal, O Anti-Cristo)

Rótulo B

Escrupulisemos no doentio e no dissolvente.

E a nossa missão, a par de ser a mais civilizada

e a mais moderna, será também a mais moral

e a mais patriótica.

(Fernando Pessoa, O Excesso de Disciplina como Dissolvente Mental)

O MAIS CURIOSO DA HISTÓRIA DA JACINTA foi ela ter morrido com 14 anos somente. As circunstâncias da referida morte nunca foram bem esclarecidas: a incúria dos cronistas, junta à falta de abertura das autoridades eclesiásticas e policiais, têm mantido secreto o que há muito devia ser do domínio público.

Factos há que ninguém hoje põe em dúvida, como seja o de a miúda ter ficado sozinha em casa, enquanto os pais e a irmã mais velha tinham ido ao cinema. Se não fosse isso, talvez nunca a Jacinta tivesse visto o que viu e feito o que fez.

Damos hoje alguns excertos do Diário Íntimo da vidente que as autoridades já referidas se têm esforçado por manter secreto. Mero acaso foi o que nos possibilitou o acesso a estas páginas, a nosso ver indispensáveis para o estudo sério duma época importante da história pátria.

E comecemos, que já não é nada cedo.



3 de Fev. de 1917

Meus pais saíram com a minha irmã. Começo a gostar pouco destas saídas deles. Vão ao animatógrafo, vão à revista e deixam-me em casa para me obrigarem a estudar, porque preciso de tirar melhores notas. Não é com estas noites de castigo que eu vou tirar melhores ou piores notas. Até porque eu não vou estudar: se julgam que, por ficar em casa sozinha, eu estudo alguma coisa, estão enganados. De resto, não é por a gente estudar muito ou pouco que tem boas notas. Os que têm boas notas são os que lambem as botas aos professores e atraíçoam os colegas. (...)

Tudo me revolta (...) Vou chamar a Lúcia à janela, a ver se ela quer ir comigo ao café.



4 de Fev. de 1917

Que calor! Ontem fui com a Lúcia ao café. Vão à merda: eu tenho 14 e ela tem 15 anos, caramba! Tomara que os meus pais não soubes-

sem de nada. Mas se souberem, estou-me cagando. A Lúcia esteve a fumar: pediu um cigarro ao Francisco e fomos depois todos três passear até ao Tejo. Estava escuro e a Lúcia mais o Francisco disseram:

— Vamos aqui fumar um charro!

Queriam que eu fumasse, mas eu não estive para isso. Esse desgosto não quero eu dar aos meus pais. Virei-lhes as costas, com receio nem sei de quê... Sinto uma espécie de vergonha quando vejo os outros fazer o que não devem. Além disso não queria ir para casa a cheirar a fumo. Notava-se logo.

Deixei-os a fumar, afastei-me uns passos e foi então que vi de repente um vulto vermelho como um peixe vermelho saltar para a água. Apareceu e desapareceu de repente. Pareceu-me estranho, mas não senti medo, só senti curiosidade. Ouvei a Lúcia e o Francisco a chamarem-me, que eram horas de voltar para casa, se não queria que os meus pais chegassem antes de mim. Segui atrás deles, mas preocupada e calada, a pensar no tal vulto luminoso e vermelho que tinha visto. Tive então a impressão de que o vulto era mesmo uma pessoa, um homem, embora pequeno, a acenar-me com a cabeça e com a mão. Antes de entrar em casa, falei no caso à Lúcia. Ela não levou nada a sério, começou-se a rir, mas acabámos por combinar que amanhã, à mesma hora, havíamos de lá ir ver: podia ser que tudo se esclarecesse.



6 de Fev. de 1917

A Lúcia e o Francisco terão ido ao rio? Eu não pude ir, porque os meus pais ficaram ontem em casa a ouvir o tido que começou no Rádio Clube. Agora não voltam a sair tão cedo, os cabrões. Pensando melhor, acho que aquilo era uma coisa meio-homem e meio-peixe, peixe da cintura para cima e homem da cintura para baixo. (...)



10 de Fev. de 1917

Lembrei-me de passar hoje à tarde, à saída das aulas, pelo sítio onde tinha visto o peixomem. Tornei a vê-lo. Estava muito nevoei-

ro. Comecei de repente a ver uma luz no meio da névoa e o rapaz vermelho como um peixe vermelho a chamar-me, por gestos, sem falar, do meio do rio.

Eu avancei, sem medo, meti os pés na água e fui submergida por uma onda inesperada. O mais engraçado é que não estranhei nem me espantei quando o ouvi dizer:

— Amanhã vens aqui com a Lúcia e com o Francisco, que eu tenho uma coisa para lhes dizer aos três, tá bem?

E disse-me isto sem abrir a boca. Como foi não sei, só sei que ele não abriu a boca e eu, mesmo assim, ouvi. Confirmará isto a tese ovniológica? Quem souber que responda. Eu, debaixo de água, não podia abrir a boca para falar, mas a verdade é que lhe respondi:

— Os meus pais, se calhar, não me deixam sair à noite!

O que é certo é que ele adivinhou e disse:

— Isso é contigo. O vires é certo, até porque os teus pais não mandam mais do que eu, ou mandam? Eu quero que tu venhas aqui amanhã e tu vens. E trazes a Lúcia e o Francisco. Eu sou o Tritão Alfacinha e o que eu digo faz-se e coisa que eu tenha dito nunca deixou nem deixará de ser feita!

E disse isto tudo sem abrir a boca. E eu ouvi tudo. Não sei como, mas ouvi. (...) Agora tenho de ir falar com a Lúcia e com o Francisco.



11 de Fev. de 1917

Combinei tudo com a Lúcia e com o Francisco. Tenho de arranjar maneira de fugir de casa quando a minha irmã e os meus pais já estiverem a dormir.

1 da manhã. — Ele apareceu-nos. Ele ou ela: tem os dois sexos. Da cintura para baixo é uma pessoa como todos nós, jovens e donzelas. Da idade do Francisco, dezasseis anos, mais ou menos, púbere. Aproximou-se, submergiu-nos e pudemos ver que tinha órgãos masculinos e seios femininos (mais uma acha na fogueira da famosa polémica sobre o sexo dos anjos e outros espíritos malignos). Disse-nos:

— Vou dar-lhes a comunhão do corpo e do sangue do Anti-Cristo. A hóstia, o corpo do Anti-Cristo, está dentro da minha vagina. Metam a mão e tirem-na. Logo a seguir chupem o meu pénis e recebam na boca o sangue do Anti-Cristo.

Nós obedecemos, a começar por mim e a acabar no Francisco: tirámos cada um a sua hóstia da vagina e demos-lhe dois ou três chupões no pénis, do qual extraímos um líquido esbranquiçado e gelado com sabor a cocakola-a-tal. Fizemos tudo o que ele mandou, sem dizermos nada, mas ele, antes de desaparecer, avisou-nos:

— Amanhã volto cá para lhes dar a comunhão e para lhes dizer um segredo, um segredo importantíssimo para a instauração do reino do Anti-Cristo na terra inteira, incluindo a Polónia e Rússia! Quero-os aqui às dez em ponto. É um segredo tão importante que nem o Papa nem o Presidente da República podem saber.



12 de Fev. de 1917

A cabra da minha irmã deu conta de eu ter saído e foi acordar os meus pais. Estavam todos a pé quando eu entrei em casa, toda encharcada. Mandaram-me contar a verdade e eu contei. Não acreditaram.

— Perguntem ao Francisco e à Lúcia — disse-lhes eu e fui-me deitar.

Mas nada disto me parece real. Eu própria me convenço de que isto é um sonho... Que quererá isto dizer, meu Querido Diário? Onde é que isto nos levará? Que segredo iremos ouvir da boca do Peixomem? Estou em pulgas. A ti, Querido Diário, digo-te tudo, está bem? A ti e a mais ninguém, porque é Segredo.



13 de Fev. de 1917

Ele voltou. Tornámos a chupar-lhe o coiso e a tirar-lhe a hóstia da coisa, enquanto ele dizia mais ou menos isto:

— Só o Anti-Cristo é que tem disto. E quem não tiver disto não é Anti-Cristo. Mas nada disto é segredo. O segredo é o

que eu vou dizer agora. E disse o segredo. Mas, depois de o dizer, ameaçou-me:

— Tu, Jacinta, não vás já escrever o segredo no teu diário, se não estás fodida.

Perguntei:

— Que é que quer dizer com isso?

— Quero dizer o que disse.

Por isso não te conto nada. Sei que ficas triste, mas tenho de me calar. Nem ao meu querido Diário posso confiar este segredo. Um segredo que para mim é latim e de que não consigo entender quase nada.

Disse que voltava para a semana ou para o mês que vem.



13 de Março de 1917

O Francisco andou a contar tudo o que nos aconteceu no rio. Hoje de manhã apareceu aqui em casa a polícia de costumes a perguntar-me se era verdade o que o Francisco dizia:

— É verdade que estiveste no rio, no dia 13 de Fevereiro, às 10 da noite?

— Estive, ali perto do Tollan...

— O Francisco fez alguma coisa indecente contigo?

Eu respondi que não.

— Então conta lá tudo o que aconteceu.

Eu contei da comunhão, mas não disse nada do Segredo. Disse-lhes que a esporra era gelada. Começaram todos a discutir e depois resolveram:

— Vais fazer uma análise a ver se isso é verdade ou mentira. E o Francisco e a Lúcia também. Amanhã às nove e meia, todos no Instituto Ricardo Jorge.



13 de Abril de 1917

A minha mãe e a mãe da Lúcia foram connosco ao Instituto. Fizemos a análise às urinas e o resultado foi positivo: havia vestígios

do Anti-Cristo no nosso aparelho sexual. Mas a primeira a saber não fui eu. Foi a Secretária de Estado da Família. Levaram-nos para uma sala de jantar, deram-nos pastéis de nata e laranjadas. Comemos e bebemos o que nos apeteceu e dissemos que queríamos ir embora, quando entrou uma senhora que disse para a minha mãe:

— Eu sou da Condição Feminina. Queria interrogar a sua filha. A minha mãe teve de dizer que estava bem.

E ela volta-se para mim, a grandessíssima papa-hóstias, e pergunta-me:

— Então esse segredo...?

Eu respondi que não dizia, que não tinha licença para o dizer.

E ela logo:

— Choça!

E trouxeram-me para a cadeia. Tenho sentido muito a falta do meu Querido Diário, mas só hoje,



13 de Maio de 1917

é que os meus pais me trouxeram papel e caneta para poder continuar o meu Diário a quem amo tanto. Tirando a falta de papel, sinto-me bem aqui. Temos uns guardas simpáticos. Um deles, galego, chamado Jesus, traz-me todos os dias bolos e leite com chocolate e até nos deixa brincar com ele. É engraçado: a esporra dele é quente, não é gelada como a do Peixomem.

O Peixomem tem-me visitado de noite. Não sei como consegue entrar. Já não me dá a comunhão nem me deixa chupar o pénis. Às vezes chega, estou eu a dormir, desperto e dou com ele em cima de mim, com o pénis espetado na minha vagina, toda encharcada em esporra fria. Sai depois e só diz:

— Nada reveles. Se revelas alguma coisa, nunca mais te olho para essa cara de sonsa.

Como se eu precisasse dele para alguma coisa — penso de vez em quando. Penso também às vezes que ele deve ser um diabo ou qualquer coisa má. Mesmo assim, fico contente quando ele está comigo. Sinto-me outra...



13 de Junho de 1917

Não tenho sabido nada da Lúcia. Tenho andado da cadeia para o hospital e do hospital para a cadeia. Estou grávida, parece que vou ter um filho. Sei que vou parir, e tenho a sensação de que quem vai parir não sou eu mas a outra... Só a mim é que me podiam acontecer coisas destas, porra!

Também não tenho sabido nada do Francisco. Espero que não lhes tenha acontecido o mesmo, a ele e à Lúcia.



13 de Julho de 1917

Falei da gravidez ao Peixomem. A resposta dele:

— Eu também estou grávido do Francisco e a Lúcia de mim. Vou ter de casar, à face da Lei, com um deles. Tu, à face da Constituição, também tens de arranjar marido e casar com ele, mesmo aqui na prisão. Talvez Jesus... Sim, Jesus pode salvar-te!

E dizia tudo isto sem mover os lábios, como sempre. Assim que ele se foi, contei tudo a Jesus e Jesus disse-me que não se importava de ser o pai putativo do meu filho.

— Até porque essa criança é santa. É impossível que, depois de tantas comunhões, tu e a criança não sejais santas e é impossível que o marido com quem cases não fique santo. Serei o teu salvador.

E é verdade, sei que Jesus fará loucuras por mim.



13 de Agosto de 1917

Tudo combinado para o casamento.



26 de Setembro de 1917

Casamento de manhã...